

Para especialistas, texto é declaração de intenções

Sociólogos e economistas avaliam que frente só terá programa se definir metas e estratégias para atingi-las

As diretrizes do programa de governo divulgadas pelo candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, são uma declaração de princípios que qualquer candidato assinaria. Segundo o presidente do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), o filósofo José Arthur Gianotti, os partidos que compõem a frente de apoio a Lula apenas transformarão esses pontos num programa de governo no momento em que passarem a considerar os obstáculos para a realização de seus princípios e traçarem estratégias para atingir objetivos.

Para Gianotti, as diretrizes constituem-se num compromisso moral dos partidos da frente de oposição com o eleitorado e são as que valorizam a dignidade humana – e por isso expressam “o que todos

os candidatos querem”, sem que seja possível estabelecer uma hierarquia entre elas. “Em um compromisso moral é impossível estabelecer prioridades”, disse. “A moral joga tudo para o sublime e não admite a priorização.”

“É lamentável; não dá para levar a sério uma alternativa de poder como essa”, afirmou o economista Eduardo Gianetti da Fonseca, da Faculdade de Economia e Administração da USP. “Tenho afinidade com os petistas, mas acho que os meios para alcançar os objetivos propostos não estão explicados.” Segundo ele, o programa tem objetivos generosos, mas uma “enorme incapacidade para explicar como atingi-los”.

Um aceno de moderação, dirigido aos investidores, e de priorida-

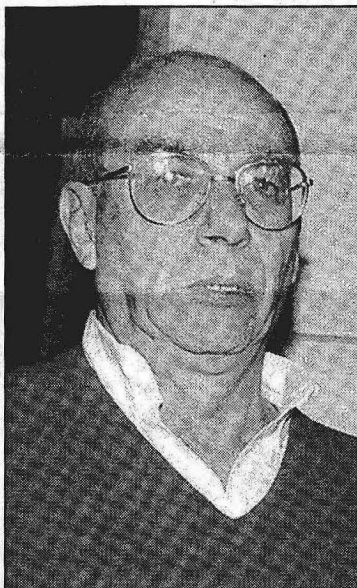
de para as questões sociais, voltado para o eleitorado. Assim o cientista político e professor Jairo Marconi Nicolau, do Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro (Iuperj), analisou a carta-compromisso do PT. Segundo ele, todas as metas são “muito moderadas” em comparação com os programas do PT de 1989 e 1994 e poderiam ser assumidas por um governo de centro. “Há ênfase nas políticas sociais e ausência de propostas gerais para a economia”, disse Nicolau, para quem Lula bate no social para aproveitar o espaço deixado pelo presidente Fernando

Henrique Cardoso. “Mas não existe política social sem definição orçamentária; se há um programa, há um custo.”

Para o cientista político Leônicio Martins Rodrigues, da Unicamp, a simples menção do respeito à Constituição e o abandono do conceito de governo dos trabalhadores demonstra que o PT enquadrou-se na conduta de todos os partidos que adquirem a perspectiva de tomar o po-

der pelo voto. Na opinião do professor, o PT assumiu um discurso eleitoral de fácil aceitação pelo grande público, o que aproxima o partido de seus adversários. “Os programas são declarações de intenção para o partido chegar ao poder.” No caso específico do PT, segundo Leônicio, a escolha do mote social independe da história do partido, mas atende aos aspectos que estão sendo valorizados pelos eleitores, já detectados pelas pesquisas.

O ex-presidente do Banco Central Gustavo Loyola afirmou que as diretrizes da frente de oposições são genéricas. “É um programa de boas intenções e objetivos contraditórios”, disse. Para ele, é inconsistente prometer estabilidade econômica e juros baixos. “O partido não revela como fará isso.”



Mabel Feres/AE-24/8/97

Gianotti: ausência de prioridades